

UMA ANALISTA DO DISCURSO FACE AOS DITOS DE DOIS POLÍTICOS: NARRATIVAS DE VIDA QUE SE ENTRECruzAMⁱ

Ida Lúcia Machadoⁱⁱ

Resumo: Este artigo gira em torno de três sujeitos empíricos e de seus ditos ou escritos. O primeiro sujeito é representado pela voz da analista do discurso que assina o artigo e que se enveredou, por uma série de circunstâncias, em caminhos mais ou menos complexos, que a levaram a se colocar no lugar de observadora do universo discursivo dos dois outros sujeitos: os políticos Lula e Sarkozy durante seus mandatos como presidentes da República, respectivamente, no Brasil e na França. O artigo visa a mostrar como a narrativa de vida e as emoções que acompanham certos discursos dos três sujeitos refletem algumas estratégias argumentativas.

Palavras-chave: Narrativas. Discursos políticos. Estratégias. Possíveis interpretativos.

Abstract: This article revolves around three empirical subjects and their utterances or writings. The first subject is represented by the discourse analyst's voice, who signs the article and has plunged in a series of more or less complex circumstances which led her to play the role of observer in the universe of discourse of the other two subjects: the politicians Lula and Sarkozy during their tenure as presidents, respectively in Brazil and France. The article aims at showing how the narrative of life and the emotions that accompany certain speeches of the three subjects reflect some argumentative strategies used by them.

Keywords: Narratives. Political speeches. Strategies. Possible interpretive processes.

ⁱ Agradeço ao CNPq pela concessão da Bolsa PQ 2010, da qual este artigo é um dos frutos. Dedico o artigo aos meus alunos do curso *Fundamentos de Linguística do Texto e do Discurso: A teoria semiolinguística e suas aplicações em diferentes corpora* - PosLin/FALE/UFMG, 2º semestre de 2012, por terem me inspirado, com suas questões inteligentes e perspicazes, grande parte das reflexões aqui apresentadas.

ⁱⁱ Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da FALE/UFMG.

Introdução

A autora começou uma pesquisa, o que precede este artigo,¹ decidida a resolver o que lhe parecia um enigma. O início desta que pode aqui ser ilustrado sob a forma de perguntas:

“- Quando dois poderosos chefes de Estado fazem referência aos seus respectivos passados ou a seus sentimentos pessoais, estão eles permitindo a eclosão de emoções sinceras, deixando que fragmentos de suas histórias de vida como *seres humanos normais* subam à superfície de suas falas – como sujeitos políticos - e a elas se misturem?”, ou: “- Estarão tais sujeitos do discurso colocando suas lembranças pessoais a serviço de sua popularidade, com o fim explícito de despertar a afetividade do outro, aqui representado por um grupo de seres pensantes e atuantes, grupo que pode efetivamente contribuir para a manutenção de seus cargos presidenciais, por meio do voto?” e, finalmente: “- Por qual razão a pesquisadora escreveu tantas páginas sobre tal assunto, já que a resposta agora lhe parece ser mais clara do que pensava?”.

Evidentemente, foi preciso que ela assumisse um *ethos* crítico e observador para melhor compreender as artimanhas do jogo político; foi preciso também que ela *desconstruísse* parte dos discursos estudados para encontrar uma resposta satisfatória (em parte) para a problemática que comandou sua pesquisa por cerca de três anos. Além disso, foi necessário também que ela *escutasse* o seu *corpus*. Se a chegada a uma quase conclusão - que pode ainda sofrer reajustes - hoje lhe parece relativamente evidente, foi porque ela se deixou impregnar pelas vozes dos dois políticos, em diferentes situações de suas vidas no exercício do poder e, a partir daí, apoiada no instrumental teórico da Análise do

Discurso, chegar a um *possível interpretativo* (CHARAUDEAU, 1983, p 21).

É bom lembrar que a pesquisadora está envolvida em um mundo situacional e comunicativo bem marcado: o de sua época, o de seu meio analítico-discursivo. Ela foi guiada, em suas interpretações, por vozes que já haviam ecoado antes da sua e que fizeram experiências semelhantes às que ela realiza: assim sendo, ela se beneficiou dessa experiência prévia. Sua voz, ao assumir atos de linguagem, mostra *atitudes antropofágicas* (no sentido metafórico, evidentemente), pois *devora* as palavras do outro, do teórico ou dos teóricos nos quais se apoia ou se inspira. Ao mesmo tempo, seu ato de apropriação é repleto de símbolos: por que escolheu *devorar* o saber deste teórico e não o daquele outro? Pois são tantos os teóricos no domínio em que trabalha...

Para responder à questão, será necessário aproximar-se, ainda que de forma bem rápida, do campo da psicanálise: realmente, há algo que a atraiu de forma mais premente em um teórico do que em outro. E esse algo está ligado à sua história de vida.

Será esta a primeira etapa do artigo: alguns fragmentos da história de vida de uma simples analista do discurso brasileira que falará do porquê de suas escolhas, tanto teóricas quanto temáticas. A escolha de trazer esse tema para o artigo – uma análise da voz e das opiniões de quem o escreve não foi aleatória. Essa tomada de posição pode parecer bizarra, mas o ato de realizá-la envolve o desejo de uma autodesmistificação do próprio processo de análise.

Nas palavras dos quatro organizadores do livro *La fabrique des narratives* (2011, p. 11), o estudo das construções biográficas nas ciências sociais envolve tanto o procedimento quanto o objeto de estudo, ou seja, permite uma imbricação dos procedimentos de análise com o objeto analisado: “[...] o *modus operandi* regendo o *modus operatum*” (op. cit.,

¹ Trabalho esse ligado ao projeto *A narrativa de vida como estratégia discursiva* (CNPq).

2011, p.11). Na visão desses teóricos (op.cit., 2011, p. 11-12), qualquer pessoa teria um bom material de vida pronto para tornar-se objeto de uma autobiografia. Baseando-se em Dosse (op.cit., 2010, p. 79-85), eles tomam o exemplo da personagem biografada no livro do historiador Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*: apenas um simples moleiro. A partir dessas considerações, surgiu a ideia de introduzir no artigo fragmentos da narrativa de vida de sua autora, em um processo de *mise en abîme*.

Na segunda e terceira etapas, serão examinados excertos dos últimos discursos pronunciados por Lula e Sarkozy antes de passar as presidências do Brasil e da França aos seus sucessores. Buscar-se-á algo que envie às narrativas de vida desses políticos, não somente por meio de certos empregos do léxico ou de certas modalizações, mas serão também colocados em destaque elementos vindos do *não-dito* ligados aos sentimentos. Em outras palavras, o que foi escondido ou dissimulado atrás de *máscaras* que visavam, sobretudo, à manutenção da dignidade dos líderes políticos face à emoção causada por uma perda: a do poder. Seus discursos de fim de mandato se situam em momentos particulares de suas vidas, como todos os discursos que apontam para uma transição, para uma mudança: são momentos cruciais na vida de um ser humano, seja ele Presidente da República ou simples cidadão/cidadã do mundo.

Finalmente, na conclusão, serão expostas algumas opiniões sobre o estudo de narrativas de vida de modo geral.

Com a palavra: a autora!

Proponho, neste segmento, deixar de lado a terceira pessoa que até agora utilizei e passar à primeira pessoa do singular, de quem assume os ditos deste segmento, à moda de quem conta sua vida para um determinado auditório. Para realizar isso de modo natural, serão

deixadas de lado algumas datas e nomes. Todavia, é bom deixar claro, desde já, que não se trata de negligência para com a redação do presente artigo, que se almeja científico.

As narrativas de vida sempre me interessaram, sem que eu soubesse que havia certos métodos para abordá-las nas ciências da linguagem, como descobri aos poucos, com Boyer (1988), Berteaux (1997), Oroffiana (2008) e, sobretudo, Paraná (2008). Elas constituem um objeto de estudo tanto para historiadores quanto para jornalistas, sociólogos e, enfim, estudiosos do discurso.

Passo à minha experiência. Em um dos muitos congressos dos quais participei, pude voltar à cidade onde passei minha infância e adolescência e que, devido a circunstâncias diversas, deixei de visitar. Convidada por um colega e amigo para participar de um Congresso de Análise do Discurso e nele compor uma Sessão Temática sobre o discurso político, resolvi enfrentar meus fantasmas e voltar ao local onde cresci e que, no entanto, havia sido relegado à parte mais profunda de um passado remoto - pelo menos era o que eu pensava -, que parecia pertencer mais a uma personagem de ficção do que a mim. Ora, ao tomar a palavra no final das apresentações, fui, de repente, sufocada pela emoção. Afinal de contas, eu estava sendo bem recebida em uma cidade onde eu me sentia uma estrangeira, uma *persona non grata*, mais do que uma professora universitária. Devo dizer que foi graças aos meus estudos e à carreira que fiz na universidade e graças, sobretudo, a mudanças em minha vida pessoal, que eu havia construído um novo *ethos*, diferente daquele da jovem que vivera naquele mesmo local. Era *eu* quem ali estava, mas, curiosamente, não era *eu*.

Assim, embora eu tivesse diante de meus olhos o texto de uma comunicação sobre Lula, pronto para ser enunciado, preparado para obedecer às normas de um discurso científico, deixei que as lembranças do outro *eu* viessem

à tona e contei para um auditório surpreso a história de meu pai, homem politizado e inteligente que tinha trabalhado e vivido naquela cidade e que, por ser pobre e casado com a filha de imigrantes italianos, sofrera *na pele* certa rejeição vinda da “classe alta” da cidade. Ele era um autodidata que sempre admirei por suas colocações justas sobre a vida. Nele, como em Lula, faltava um dedo, cortado por uma máquina de alguma das usinas em que trabalhou em uma época e em uma situação em que ser comunista, espírita, pobre e inteligente constituíam quatro pecados. E ali estava eu falando, no local do pai rejeitado, para comentar a trajetória de um operário como ele, que tinha chegado à presidência do país. Embora sentisse que o tom de minha voz se afastava daquilo que era esperado para uma comunicação em um ambiente universitário, como em um sonho, rompi ou subverti o contrato inerente ao gênero *apresentação de comunicação*, ao misturar, em minha fala, fragmentos de minha vida privada a um saber linguístico-discursivo. E o curioso foi que o público presente apreciou minha autenticidade comunicacional e emocional e ficou comovido, como o *eu* que se desvelava naquele momento. O fato é que depois de fazer essa confissão em público, os dois ‘eus’ que em mim se disputavam, puderam enfim se encontrar; isso me trouxe uma curiosa sensação de alívio ou de *dever cumprido* face à memória de meus pais.

Quase na mesma época ao ler uma revista feminina francesa, deparei-me com um livro escrito por Christian Salmon (2007), pesquisador francês do CNRS. Logo o adquiri. E foi ali, sem dúvida, que pude notar a real força da narratividade nos discursos políticos. O autor escreve sobre “a invasão de ‘uma nova ordem narrativa’ que pode vir a perturbar nossas ‘delicadas’ mentes, se virar uma estratégia aplicada para fins persuasivos e políticos” (MACHADO, 2010). Notei, não sem espanto (na época), que George Bush havia conquistado muitos eleitores contando-

lhes histórias ou sendo simpático às histórias que alguns de seus futuros eleitores lhes contavam. Condensado bem, no livro em pauta, Salmon refletiu sobre o poder do discurso narrativo como estratégia argumentativa. As emoções, que durante tanto tempo se fizeram ausentes de um discurso político que quisesse ser crível, voltavam com força no mundo político e as duas vitórias de George Bush foram evocadas quase que como uma testemunha fiável para o fato.

Estou resumindo aqui o que disse em outros escritos e, sobretudo, no já citado projeto de pesquisa, que chegará ao seu fim daqui a alguns meses. Foram esses dois acontecimentos mais ou menos paralelos, essas duas coincidências que me levaram a pesquisar a narrativa de vida e a probabilidade dela ser - ou não - usada como simples estratégia de sedução por parte de políticos de dois diferentes países. A escolha de Lula estava ligada ao fato de ele ter se transformado em presidente do Brasil, à importância que todos seus dizeres teriam para o mundo político, mas também, é preciso confessar, e aqui volto à minha história pessoal, a sua semelhança com meu pai, no que diz respeito à ideologia política, profissão e carisma pessoal. O novo “Pai da pátria” refletiu-se, curiosamente, no meu amado pai...

Quanto a Sarkozy, embora não apreciando sua política, ele foi o homem mais importante de minha pátria do coração: a França, durante os anos de seu mandato. O lógico da pesquisa encontrava-se com o emocional da pesquisadora. Por outro lado, mesmo não seguindo a ideologia política de Sarkozy, tive que reconhecer que ele abriu uma época de intensas trocas de alunos da graduação em francês com universidades francesas. E tive que reconhecer também que os opostos se atraem: Sarkozy gostava de Lula, realizou o ano de homenagem França/Brasil, o que nos tornou mais simpáticos aos olhos dos franceses.

Tendo explicado o que me levou a traçar um caminho que chega agora até o presente artigo, devo explicar também minha atração pela Análise do Discurso. Fui professora de língua francesa e estudei e pratiquei, durante muito tempo, a Linguística Textual: isso até conhecer Patrick Charaudeau, em um congresso internacional realizado no Brasil, assim que voltei da França com meu diploma de doutorado. Charaudeau me propôs, a mim e a uma professora de francês da UFMG, tentar construir com ele uma parceria por meio de um projeto sobre Análise do Discurso, unindo a universidade francesa à brasileira². Foi então que procurei todos os números possíveis da revista *Langages* sobre o assunto e me dispus a “aprender” análise do discurso, de modo bem autodidata, a exemplo do que via meu pai fazer: embora eu tenha me tornado professora (como a mãe de meu pai) por motivos diversos quase todos ligados ao desejo de construir uma carreira que me daria liberdade moral e financeira, acredito ainda que os livros são grandes mestres.

Ao ler a revista, tomei conhecimento de Pêcheux e de sua trajetória. A Análise do Discurso feita pelo grande mestre logo me agradou; ela já trazia em suas origens o desejo de desmascarar os discursos da direita que dominavam o poder político na França há bastante tempo. O que dizer do Brasil, então? Pobre país recém-saído de uma ditadura militar onde ainda havia muito por que se lutar, para a construção de uma verdadeira democracia.

Embora sempre tenha amado, com verdadeira paixão, a língua francesa,³ eu já estava um pouco cansada de ser somente professora de FLE. Queria pesquisar e

aproveitar o que havia aprendido em minha pós-graduação. Voltei-me, então, para a Análise do Discurso e passei a ela me dedicar, com enorme afinco. Senti que havia ali, nas palavras e no trabalho de Pêcheux, um mundo que eu poderia construir do ponto de vista da pesquisa.

Com minha entrada para a UFMG pude dar, além das aulas de língua, aulas de literatura francesa: foi aí que realmente descobri autores maravilhosos, sobretudo entre os da Idade Média e os dos séculos 16 e 18. E, logo depois, comecei também a trabalhar e a pesquisar na pós-graduação, graças à Análise do Discurso. Curiosamente, não foi com Pêcheux nem com Foucault, cujos livros havia devorado em minha ânsia de conhecer o universo das práticas discursivas... Ali entrei com as teorias professadas por Charaudeau, pois foi ele quem me ofereceu a oportunidade de uma parceria profissional amplamente caucionada pela CAPES.

Confesso que, a princípio, suas ideias não me agradavam completamente. Eu as achava muito voltadas para a sociologia, muito linguísticas e muito pouco centradas na história. Mas não abandonei as leituras e passei a *alimentar-me* de tudo o que Charaudeau havia escrito. A essa apropriação do saber vieram se reunir minhas discussões com o autor da Teoria Semiolinguística. Soube, assim, as razões das diferenças de sua metodologia com a de Pêcheux e percebi que ela tinha sido construída com extremo cuidado científico: Charaudeau apresentava uma nova proposta, baseado nos estudos e leituras que realizara ao traçar seu próprio caminho de vida. Notei a presença de Bakhtin na teoria e isso me encantou. Pouco a pouco me deixei seduzir, pois o estudo da Semiolinguística propunha uma divisão de sujeitos que me pareceu bastante rica e outras noções que vieram se casar com as teorias da enunciação, pragmática, psicanálise e argumentação, enfim, com ideias de autores que eu já havia

² Na época eu era professora da Universidade Federal de Ouro Preto.

³ Língua de parte de meus ancestrais maternos e língua com a qual eu descobri, com Sartre e Camus, que o homem era senhor de seu destino e que a liberdade era algo pelo que devíamos lutar como já preconizavam os filósofos das Luzes do século XVIII.

estudado durante meu mestrado na USP e também em meu doutorado, e nos seminários de Jean Peytard, em Besançon, França. Com essas bases, fiz a minha interpretação da Teoria Semiollingüística sob o olhar simpático e encorajador de Charaudeau, que admirava e se espantava, muitas vezes, com minhas audácias. Mas não poderia ser de forma diferente: não tinha sido ele, em seu livro fundador, *Langage et Discours* (1983, p. 21, 57), quem dissera que não existia um só possível interpretativo, mas vários *possíveis interpretativos*?

Naturalmente, ao exercer esse papel de sujeito-interpretativo de Charaudeau, durante mais de duas décadas, fui melhor conhecendo as bases de sua teoria e compreendendo o que o tinha levado a assumir certas posturas que diferiam de outras da Análise do Discurso de Pêcheux e seus seguidores. Embora eu não tenha concordado com Charaudeau em todos os pontos de sua teoria, pois, para uma brasileira recém-saída de uma ditadura militar seria muito difícil não trabalhar com a ideologia e ignorar que nós, brasileiros, sofriamos ainda de um *assujeitamento*, no mau sentido da palavra, ou melhor, de uma manipulação ideológica vinda da direita conservadora, divulgada por um dos mais importantes veículos midiáticos do país, o meu ponto de vista não atrapalhou meu bom entendimento com Charaudeau, continuamos parceiros na aventura discursiva.

Quando fazia graduação em Letras, na UFMG, tive a oportunidade de assistir a um curso sobre Tradução, ministrado por Paulo Rónai. Alguém da turma lhe perguntou se podíamos viver só de tradução, se valia a pena ser tradutor, ao que Rónai respondeu com seu conhecido bom humor e sabedoria: “Não sei se poderemos viver bem economicamente só com traduções, mas, para mim, a tradução me deu algo maior: ela me deu a vida”. Em seguida, nos contou que foi graças a uma tradução para o português de um texto que lhe foi possível

tomar contato com intelectuais brasileiros e por eles ser convidado para vir ao Brasil e, aqui estando, havia escapado de uma guerra que, certamente, lhe custaria a vida. Ao contar esse episódio que decidiu seu futuro e sua vida no país em que foi tão bem acolhido, Rónai nos comoveu e influenciou estudos futuros para muitos dos estudantes que ali estavam. Em suma, o que quero dizer, com mais esse fragmento de minha vida, é que Rónai mostrou o poder argumentativo, a influência, os efeitos que a fala de um determinado sujeito podia obter em seu público, ao narrar uma passagem autêntica de sua vida.

Espero ter explicado, ao menos em parte, usando algo que poderia ser chamado de *método* da narrativa de vida, algumas escolhas teóricas que determinaram minha vida como profissional.

Ousei assim reunir, ao menos no espaço de um artigo, histórias (com ‘h’ minúsculo) de vida de uma simples professora, como tantas outras que existem no Brasil e no mundo, com o estudo de fragmentos de dois políticos cujos nomes serão gravados na História (com ‘H’ maiúsculo) da vida política das nações e que inspiraram e continuarão a inspirar biografias pelo menos durante algum tempo. Assim agindo, transgredi o contrato de palavra que está na base deste gênero. Mas não agi de maneira inconsciente: quis apenas mostrar que pessoas comuns, que estão na sombra dos poderosos desse mundo são também suscetíveis de possuir uma história de vida. Se ela vale a pena ser contada ou não, aí já é outro caso... No caso deste segmento, darei as explicações necessárias para essa quase intrusão de meu *eu* que se conta nas conclusões do artigo.

Adeus poder e glória

Os presidentes Lula e Sarkozy deixaram o poder presidencial, respectivamente, em 2010 e 2012. Pela Constituição brasileira, Lula não pode se apresentar novamente como candidato

após dois mandatos consecutivos. Sarkozy, sim, já que realizara apenas um mandato; mas foi derrotado pelo candidato do Partido Socialista francês, François Hollande. A diferença de votos entre os dois candidatos não foi enorme, como previsto por muitos: Hollande ganhou de Sarkozy com 1.131.067.

Minha proposta aqui foi a de examinar, do ponto de vista analítico-discursivo, os discursos de despedida dos dois políticos, detendo-me em estratégias ali empregadas e sentimentos ali expostos - de modo mais ou menos visível segundo os casos. Nessa perspectiva e em um rápido primeiro olhar, é fácil imaginar que a relativamente pequena diferença de votos entre os dois candidatos à presidência da França tenha sido uma das causas que contribuíram para dar ao discurso de Sarkozy um tom bem pessimista e amargo, embora durante parte de seu governo e durante toda sua campanha visando à reeleição, ele tenha usado como *leit-motif* o tema da França ameaçada, da França em perigo, da França que só ele poderia salvar: o tema, é preciso convir, não é dos mais alegres. Realizando uma leitura panorâmica de seu discurso de despedida, senti nele algo que me fez lembrar o tristemente famoso discurso do Marechal Pétain ao falar sobre a derrota da França, na Segunda Grande Guerra e sua aceitação da ocupação alemã na França, para evitar maiores desgastes para a nação. Um discurso triste e conformado. O discurso de um perdedor, que continuava, no entanto, a amar profundamente seu país, é claro.

Já o discurso de Lula, à primeira vista, é um discurso eufórico: sua candidata, Dilma Rousseff, ganhou as eleições. Essa vitória é também a vitória do Partido dos Trabalhadores, e, de certo modo, a vitória de Lula.

Deixando de lado as suposições mais superficiais, proponho que analisemos alguns enunciados dos dois discursos, buscando alguns de seus pontos em comum e

divergências. Assim procedendo, estaremos seguindo o que preconiza Charaudeau (1994): é produtivo para uma análise discursiva trabalhar com o contraste entre discursos vindos do mesmo *corpus*, mas que possuem algo diferente - no presente caso examinar enunciados de locutores diferentes tanto no que diz respeito às suas nacionalidades como também às suas ideologias.

E por que os locutores vindos do mundo político falam e falam? Nós mesmos, por que falamos? Segundo Machado (2010), falamos para chamar a atenção do *outro* e para provar que existimos. Assim, com o escopo de chamar a atenção deste *outro* para nossa fala e para poder influenciá-lo de algum modo, usamos uma série de estratégias comunicativas ou argumentativas. Para Machado (2010),

Globalmente, podemos dizer que há argumentação quando uma tomada de posição, um ponto de vista, um modo de perceber o mundo, vão se exprimir em um cenário de posições antagonistas ou simplesmente divergentes, tentando se fazer prevalecer ou se fazer admitir. Nesse prisma, não pode então haver argumentação se não houver duas posições mais ou menos contrárias e uma querendo prevalecer sobre a outra. Mas, na verdade, na medida em que toda palavra surge no interior de um universo discursivo preexistente, essa palavra tenta responder a certas interrogações, medos, dúvidas, que existem no pensamento contemporâneo. Todo enunciado confirma, recusa, problematiza posições antecedentes, quer essas posições tenham sido expressas de forma precisa por um dado interlocutor, quer tenham sido expressas de forma difusa em um interdiscurso contemporâneo.

É fácil perceber que, nos discursos de homens políticos, há sempre o *outro*, o opositor, o rival. O *outro* pode ser citado de modo explícito ou implícito: os discursos de despedida de Lula e Sarkozy não fogem a essa regra.

A preocupação de Machado (2010) se ateuve aos objetivos descritos no projeto já citado na nota 3. Isso a levou, sobretudo, a ficar atenta ao modo pelo qual a inserção de um discurso que viesse da vida privada de Sarkozy e Lula poderia contribuir para a boa acolhida de seus discursos pelos seus ouvintes.

Ao aproximar-se do fim da pesquisa, ficou evidente que Sarkozy se mostrou mais sóbrio nesse ponto do que Lula. As menções à vida privada do presidente francês são encontradas em notícias divulgadas por internet e em suas biografias – escritas por terceiros, como, por exemplo, a de Nay (2007), em que a palavra da autora se sobrepõe à voz do indivíduo biografado. Essa voz, no entanto, aparece e é analisada em outros livros, tais como os de Domenach e Szafran (2011), e naqueles que narram, à maneira de um conto de fadas, o encontro de Sarkozy com sua segunda esposa, Carla Bruni-Sarkozy, como, por exemplo, o livro de Benaim e Azéroual (2008). O que vimos de mais *peçoal* nos discursos de Sarkozy em seus pronunciamentos como presidente foram os sentimentos que surgiam em seus enunciados e gestos, e que ilustravam seu desejo de influenciar os franceses pela via das emoções.

No âmbito das emoções, Lula é ainda o “campeão” dos dois políticos. No entanto, há que se comparar o caráter mais contido dos franceses em relação às explosões emotivas dos líderes políticos da América do Sul, que, em sua grande maioria, não têm por hábito, como o povo que governam, de esconder suas emoções e mesmo suas lágrimas ao falar em público: esse elemento é algo bem nosso. Com exceções, é claro.

Vi, assim, no âmbito da supracitada pesquisa, que não poderia me contentar apenas com as palavras que se referissem aos familiares dos dois presidentes: deveria também trabalhar com as emoções de seus ditos e com o lugar que elas neles ocuparam. Volto, assim, a uma das perguntas que têm me

inquietao ao comparar duas vezes políticas diferentes, adaptando-a para o *corpus* do presente artigo: “- As emoções que atravessaram a fala dos dois presidentes, sobretudo em seus discursos de despedida, foram sinceras ou meras estratégias para não perder a face diante de seus respectivos públicos?”

Para respeitar o espaço do artigo, terei que aqui recortar o *corpus* a ser analisado em dez enunciados: cinco de Lula, cinco de Sarkozy e, sem mais esperar, proponho passar para a leitura desses enunciados. Cada um deles virá acompanhado de um breve comentário sobre a imagem (ou máscara) que o político observado quis fazer passar aos seus ouvintes.

Excertos dos discursos supracitados e comentários: as máscaras do poder e um possível interpretativo das imagens enviadas pelos políticos agora examinados

Segundo Machado (2010), “[...] Na falta de mitos, de deuses, nós mesmos, simples mortais dos séculos XX e XXI os construímos. E, para tanto, podemos misturar os papéis linguageiros e sociais de uns e de outros”. Os presidentes de repúblicas, Lula e Sarkozy, serão aqui considerados como heróis, à moda das antigas narrativas dos Clássicos. De certo modo, há que se convir que ser presidente de uma nação de dimensões continentais e conseguir retirá-la do lugar de 3º Mundo para elevá-la ao lugar de Nação Emergente denota um trabalho hercúleo; do mesmo modo, não é fácil assumir a presidência de uma nação que faz parte das maiores potências do mundo e que está ligada, agora, mais que nunca, à Europa e às vantagens e, também, a crises e sobressaltos que isso representa. Lula e Sarkozy serão, no espaço de algumas linhas, nossos heróis modernos, cada um a sua maneira, como suas próprias palavras irão nos contar. Começemos pelas de Lula.

(1) Saio do governo para viver a vida das ruas. Homem do povo, que sempre fui, serei mais povo do que nunca, sem renegar o meu destino e jamais fugir à luta. Não me perguntem sobre o meu futuro, porque vocês já me deram um grande presente. Perguntem, sim, pelo futuro do Brasil, e acreditem nele.

Em (1), notamos a *imagem do homem simples* ou o desejo de veicular tal imagem. Lula aceita com tranquilidade a perda do poder e fala de sua grande devoção ao país. Mas, ao mesmo tempo, o enunciado deixa escapar certa amargura: o destino já havia dado um “presente” fora do comum ao homem simples, cujo futuro – ele sabe disso – entrou, a partir desse momento, em seu passado, isto é, no momento extraordinário em que o Destino lhe deu o “presente”: ser presidente do Brasil. O herói deixa a cena triunfante: mas tem que deixá-la, pelo menos por ora.

(2) É profundamente simbólico que a faixa presidencial passe das mãos do primeiro operário presidente para as mãos da primeira mulher presidenta. Será um marco no belo caminho que nosso povo vem construindo para fazer o Brasil, se Deus quiser, um dos países mais igualitários do mundo.

Em (2), é clara a *imagem do herói que teme a Deus* e que acredita em seus desígnios. Nota-se aqui também a presença do estereótipo que diz que “Deus é brasileiro” ou, em outros termos, que o Brasil é uma terra abençoada por Deus: tal enunciado se encontra, de forma implícita, no segmento “[...] se Deus quiser, um dos países mais igualitários do mundo”. Ao mesmo tempo, vê-se que o herói usa em suas palavras a presença de um forte imaginário ligado à questão das crenças coletivas, das simbologias, dos mitos, das coincidências do destino. Em (2) evoca-se antigos discursos sobre o Destino já vistos na Antiguidade Clássica. Assim um fator interdiscursivo envolve a fala do herói.

(3) Se governei bem, foi porque, antes de me sentir presidente me senti sempre um brasileiro comum que tinha que superar as suas dores, vencer os preconceitos e não fracassar. Se governei bem, foi porque, antes de me sentir um chefe de estado, me senti sempre um chefe de família que sabia das dificuldades dos seus irmãos para colocar comida na mesa, para dar escola para seus filhos, para chegar em casa todas as noites a salvo dos perigos e da violência. Se governamos bem, foi, principalmente, porque conseguimos nos livrar da maldição elitista que fazia com que os dirigentes políticos deste grande país governassem apenas para um terço da população e se esquecessem da maioria do seu povo.

No enunciado acima (3), há a *imagem de um homem do povo* que, mesmo sem dinheiro e sem passar por muitos estudos, conseguiu chegar ao cargo político mais alto do Brasil. Temos aqui presente de forma latente a estratégia de se recorrer à narrativa de vida para sensibilizar o auditório. O herói se mostra ao povo, *peito aberto*, assumindo sua trajetória de vida, seu triunfo contra a elite. Há no enunciado uma mistura de orgulho nobre e de raiva contra o antigo (mas sempre presente) opressor e há também um clima de tragédia grega que paira no interdiscurso. O herói se apresenta como um *salvador* (CHARAUDEAU, 2008) ao usar, logo no início do enunciado, um *Eu*. Ele busca, talvez, “[...] provocar no auditório um movimento de admiração para com sua pessoa, que se apresenta como o herói que veio reparar o mal” (CHARAUDEAU, 2008, p. 84)⁴ que outros fizeram ao seu país; mas, por outro lado, ao assumir o *nós* no segmento “[...] Se governamos bem”, Lula cria, habilmente, um clima de simbiose entre ele e seu público.

(4) Minha felicidade estará sempre ligada à felicidade do meu povo. Onde houver um brasileiro sofrendo, quero estar espiritualmente ao seu lado. Onde houver

⁴ Todas as citações de teóricos de língua francesa, bem como as palavras de Sarkozy, foram por mim traduzidas.

uma mãe e um pai com desesperança quero que minha lembrança lhes traga um pouco de conforto. Onde houver um jovem que queira sonhar grande, peço-lhe que olhe a minha história e veja que na vida nada é impossível.

O herói usa, em (4), de modo mais ou menos explícito, a narrativa de vida como estratégia argumentativa, pela alusão à família e “ao jovem que queira sonhar grande”, e também de modo claramente explícito no segmento final do enunciado em que ele aparece como a personagem que criou o seu Destino, desafiando a *ordem normal* dos acontecimentos – em que os pobres não têm vez –, desafiando os deuses.

(5) Vivi no coração do povo e nele quero continuar vivendo até o último dos meus dias. Mais que nunca, sou um homem de uma só causa, e essa causa se chama Brasil.

Em (5), o herói mostra novamente seu devotamento à causa, ao país. E, ao mesmo tempo, lança um último apelo, apelo patético: ele quer continuar vivendo no coração do povo; ele grita baixinho: “Não me esqueçam!”, em uma mistura de dor pela perda do poder e medo do esquecimento. Sem dúvida, tal sensação é bem humana, sobretudo para aqueles que sentem e sabem que realizaram um bom trabalho, como Lula.

Logo abaixo, em um dos enunciados de Sarkozy, notar-se-á o mesmo receio de ser esquecido, apagado da História. Isso me leva a citar o escritor francês do século XVI, Montaigne (2009, p. 1155-1156), quando afirma: “Que seja a arte ou a natureza que *imprima* em nós essa disposição de viver sempre se preocupando com a opinião dos outros, isso nos faz mais mal do que bem”. Proponho então passar aos ditos de Sarkozy:

(6) Sofri muito porque a instituição que eu representava não foi respeitada, [mas] não vamos dar um mau exemplo. Eu não serei nunca como aqueles que nos combateram.

A imagem que Sarkozy visa a passar é a do herói da República traído; daí, a sua amargura e a sua posição de vítima que tenta também criar uma simbiose com aqueles que votaram nele. Esse enunciado é ambíguo: ele evoca aqui a perseguição de que foi vítima durante o seu governo, ou na campanha eleitoral? Nas duas? No seio de seu próprio campo? Magnânimo, o herói vencido diz que nunca se abaixará ao ponto que se abaixaram seus inimigos. Embora ele se sinta injustamente derrotado, ele quer mostrar que nem por isso perdeu sua dignidade e nobreza, qualidades essas que vão também se estender ao enunciado 7.

(7) Acabo de falar com François Hollande ao telefone e eu quero lhe desejar boa sorte no meio das dificuldades [que terá em seu governo]. Vai ser difícil [para ele], mas eu desejo de todo meu coração que a França, que é o país que nos une, possa atravessar essas dificuldades.

Como foi dito, vemos aqui uma demonstração do *fair-play* do herói vencido. Mas seus votos formais são frios e embebidos de amargura. Nas palavras de Braud (2007, p. 22): “Fracassar em uma empreitada que tinha tudo para dar certo, ver a vitória ser roubada nas eleições por um desconhecido ou um medíocre, eis algo que justifica bem a dor do amor-próprio ferido, misturada à raiva, se chamar despeito”.

Note-se ainda que em (7), tanto quanto em todo o discurso de Sarkozy, ao lado da amargura da derrota, os sentimentos de frustração e despeito pela vitória do opositor estão presentes em sua voz:

(8) Eu consagrei toda minha energia [à França], do primeiro ao último segundo. Eu tentei proteger os franceses de crises sem precedentes [na vida do país]. Eu saio da presidência com um amor pela França maior ainda do que eu tinha antes e também com uma maior ligação com o povo francês.

Em (8), o herói faz apelo não a uma narrativa de vida, mas faz menção ao extremo desgaste pessoal que teve ao tentar ser um bom presidente para a França. Ele não descreve o que fez, suas realizações pelo bem da França: ele deixa isso no implícito do seu discurso: os que o amam saberão reconhecer seus esforços. Fazendo apelo às imagens de salvador (CHARAUDEAU, 2008, p.78-81) que não teve o reconhecimento justo do país, de líder dotado de grande coragem, ele enfatiza um tipo de discurso que o acompanhou durante um bom tempo no exercício de suas funções presidenciais e em sua campanha para a reeleição: trata-se do discurso do medo, como diria Braud (2007, p.264-268) e Montaigne (2009, p.93). Para Sarkozy, a França estava correndo riscos, perigos, e só ele poderia salvá-la. Isso seria, segundo Charaudeau (2008, p. 81-82), um discurso feito para provocar uma sensação de angústia no auditório:

O efeito de angústia se deve à existência de uma ameaça que nasce de uma sensação de perigo potencial, e o discurso que a descreve procura colocar aquele que o ouve em uma posição de espera angustiada, pois ele vai se julgar vítima dessa ameaça. [...] esse efeito de angústia se concentra na maior parte das vezes em um apelo, um apelo à resistência ou à rebelião contra o que está na origem da ameaça.

É possível aí notar uma semelhança com os apelos à resistência feitos pelo general De Gaulle, na época da guerra contra a Alemanha; a fala de Sarkozy, em alguns de seus pronunciamentos, usa tal contexto guerreiro, para argumentar seus propósitos. O enunciado (8) pode ser visto, pois, como uma estratégia que recorre a um “efeito de ameaça”, como diz Charaudeau (2008, p. 81). Os franceses devem ter guardado em suas memórias a lembrança recente do quase perfeito entendimento do casal europeu formado por Sarkozy e Merkel, ou seja, da França e da Alemanha, nas questões ligadas à Europa. A ameaça não é de

guerra contra a Alemanha, mas do perigo que essa representa por – até o momento em que escrevo este artigo – manter tanto poder econômico na União Europeia. Se a França, ao contrário da Grécia e de Portugal, conseguiu com o governo de Sarkozy garantir sua não entrada nos países em crise, essa boa posição se manterá sem Sarkozy? Transcrevo aqui vozes vindas de outros discursos, vozes essas convocadas por Sarkozy, naturalmente.

(9) Mas meu lugar não poderá ser o mesmo. [...] Após 35 anos de política, após 10 anos mantendo responsabilidades governamentais de alto nível, após 5 anos como presidente. Meu engajamento, que nunca terá fim em relação ao meu país será doravante diferente [...] Mas o tempo não desfará nunca as ligações entre nós, [digo isto] no momento em que eu me preparo para voltar a ser, de novo, um francês entre os franceses.

O herói vencido se despede de seu povo. É evidente aqui seu sentimento de perda do poder e seu desejo de continuar vivo na memória do povo, do mesmo modo que foi notado no enunciado (5), pronunciado por Lula. Como o presidente brasileiro, o francês aspira a manter certa notoriedade, mesmo após sua partida.

(10) Sejam dignos, sejam patriotas, sejam franceses! Sejam exatamente o contrário daquilo que alguns teriam desejado em um caso contrário!

No décimo enunciado do *corpus*, é possível notar, novamente, como no enunciado (8), o apelo de resistência às forças inimigas. É uma convocação guerreira e, por meio dela, Sarkozy conclama seu sentimento de ódio contra Hollande, ainda que o nome deste não seja pronunciado. Aqui temos o apelo final do herói trágico que se julga injustamente derrotado.

Neste ponto do artigo, apresento uma questão que diz respeito ao adeus dos dois

presidentes: “- Notoriedade ou poder: qual dos dois representa a pior perda?”

Eu diria que são os dois e que um acaba acompanhado o outro, ainda que existam políticos mais humildes em sua maneira de ser e de governar, que não sonham em aparecer de modo quase que frenético sob as luzes da ribalta. No entanto, nos últimos anos vê-se um enorme desejo, entre políticos, de serem famosos como as estrelas de cinema ou de televisão... Em parte, essa aspiração foi suscitada pelas mídias, por algumas delas, que deram aos políticos o *status* de celebridades. Segundo Machado (2010),

[...] a sociedade contemporânea tem misturado por demais os papéis sociais e linguageiros de uns e de outros. Tomemos o exemplo do homem político. Nos dias de hoje, ele é tão fotografado e entrevistado sobre fatos de sua vida particular, que ele não mais esconde, muito pelo contrário – agindo como uma vedete de cinema ou de televisão. Assim, certos homens políticos tornam-se verdadeiras celebridades, ao deixar, propositalmente, sua vida particular ser “escancarada” aos olhos do público. É claro que existem exceções. Poderíamos dizer que o crescimento de uma imprensa “people” é em parte responsável por tal fenômeno. Mas, isso seria fácil demais: do outro lado do espelho, há a necessidade de certos leitores em consumir esse tipo de imprensa. Uns provocam a existência dos outros. Uns pedem aos outros: contem-nos histórias! Seja como for, a imprensa “people” tem se desenvolvido, e o que é pior, “contaminado” veículos de informação que têm uma grande margem de leitura, tais como *sites* da Internet que exibem fotos de homens políticos “mundanos” e de estrelas do cinema [...] tudo acompanhado por comentários de “internautas” sobre tais celebridades, mais ou menos “unidas” sob o brilho dos refletores, ainda que seus papéis sociais sejam bem diferentes.

O poder político traz, assim, a notoriedade, a fama. E o homem político é um homem vaidoso. Ser reconhecido e amado, em larga escala, é algo desejável e vem compensar uma

ausência de amor vinda da primeira infância ou da adolescência ou um complexo qualquer. Como afirma Braud (2007, p. 251):

Para a maior parte dos eleitos, o prazer de ser conhecido e reconhecido constitui uma satisfação em si, buscada por ela própria. A notoriedade faz os tímidos se desabrocharem, libera os inibidos, acalma os inquietos, conforta os ‘importantes’ no sentimento de sua importância. Na vida política, a falta de notoriedade é um não existir.

Para aqueles que foram as vedetes do mundo político durante certo espaço de tempo, a perda da fama é algo terrível, um sentimento de vazio deve se instalar nesses seres.

Após essas considerações, já é tempo de fechar o artigo.

A festa acabou ou algumas conclusões

Creio que neste momento é preciso que eu dê algumas explicações sobre este artigo que parte da narrativa de vida de um ser *não-político*, nem estrela, nem nada e termina com uma parte mais ou menos longa contendo comentários e citações dos discursos de despedida de duas verdadeiras estrelas da vida política brasileira e francesa. Em primeiro lugar, o primeiro segmento do artigo foi feito para tentar responder aos meus alunos atuais (2º semestre de 2012) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG: foram eles, com suas questões, que me inspiraram a apresentar esta autobiografia, um pouco por derrisão, devida ao meu caráter brincalhão, um pouco a título de exemplificação. Por um lado, respondo que o gênero narrativa de vida é bastante rico e pode suscitar vários enfoques no campo das Ciências Humanas: é essa riqueza de abordagens que irá justamente evitar os obstáculos de estudos que visem a uma categoria unificada. No âmbito desse gênero, que pode assumir várias facetas, várias metodologias se abrem: a da análise de

discurso é uma entre tantas. E ressalte-se, não apenas a da análise do discurso que aqui empregamos. Por outro lado, respondo a outra pergunta dos alunos supracitados: “- Os sentimentos contam – ou não – na escolha de um *corpus*?”. Foi daí que tive a ideia de fazer a experiência comigo mesma, como autora, para poder agora lhes responder: sim. Sentimentos guiam os passos e escolhas de um pesquisador, porém, ao lado deles, surgem também as razões lógicas. Há uma combinação entre sentimentos e razão na escolha de um objeto de estudos.

A segunda e terceira parte do artigo deteve-se sobre os discursos de adeus à presidência – pelo menos por agora, pois o futuro é sempre uma incógnita – de Lula e Sarkozy. Excertos desses discursos foram analisados em busca de suas diferenças e similitudes. As semelhanças são fáceis de verificar: em ambos, notou-se o sentimento de orgulho patriótico, a dor da perda do poder e da notoriedade. Os dois saem da vida política para se tornar cidadãos como tantos outros de seus respectivos países – pelo menos é o que disseram. Há uma modéstia nessas intenções, mas uma modéstia que possui mais as cores de gestos polidos, convencionais do que as cores de uma verdadeira humildade.

No que diz respeito às diferenças, Sarkozy tem um caráter mais aguerrido que Lula. E, naturalmente, pela sua derrota e derrota de seu partido, adota um tom mais pessimista, mais amargo. É uma fera ferida. Lula crê em Deus; Sarkozy acredita mais na sua força ou astúcia pessoal. Lula é brincalhão; Sarkozy, não.

Devo dizer que ao iniciar um trabalho analítico-discursivo sobre ditos dos dois presidentes eu acreditava que as estratégias ligadas ao emocional, ao pessoal seriam sinceras em Lula e totalmente falsas em Sarkozy. Vejo agora que esse ponto de vista é ingênuo: Lula pode realmente mesclar muita sinceridade em sua fala (como eu mesma fiz na minha, relatada no primeiro segmento),

entretanto, não se pode negar que ele é um grande argumentador, dotado de muito carisma e que sabe como agradar seu público: Lula tem o dom da empatia. Sarkozy, no seu discurso de adeus, mostra-se sincero ao exprimir, com sua fala contida, que faz parte do estilo político francês, sentimentos de ódio, rancor e despeito.

Finalizando: políticos também são seres humanos; logo, são sensíveis às vitórias e às derrotas da vida. Portanto, a estratégia da narrativa de vida pode ser uma espécie de “grito” sincero de um ser ferido recentemente ou há algum tempo. Assim, o uso da narrativa de vida carrega em seu âmago um sentimento de revanche contra alguém ou contra uma determinada situação em que sentimentos angustiantes dominaram o sujeito-falante. Seja de modo consciente, elaborado ou então, de modo espontâneo, o fato de contar sua vida em momentos mais ou menos solenes consegue quase sempre comover um auditório. Acredito agora que a narrativa de vida pode realmente ser considerada como uma estratégia argumentativa, da qual, na sociedade atual, poucos de nós conseguimos escapar.

Referências

- BENAÏM, V.; AZÉROUAL, Y. **Carla et Nicolas. La véritable histoire**. Paris: Editons du Moment, 2008.
- BERTAUX, D. **Le récit de vie**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2005.
- BOYER, H. BOYER H. **L’écrit comme enjeu. Principe de scription et principe d’écriture dans la communication sociale**, Paris: Didier, 1998.
- BRAUD, P. **Petit traité des émotions, sentiments et passions politiques**. Paris: Armand Colin, 2007.
- CHANTEGROS, S. et al. **La fabrique biographique**. Limoges: Pulim, 2011.
- CHARAUDEAU, P. **Langage et discours**. Paris: Hachette, 1983.

_____. **Petit traité de politique à l'usage du citoyen.** Vuibert : Paris, 2008.

_____; MACHADO, I.L. **A Análise do Discurso: procedimentos da persuasão e da sedução.** Projeto CAPES/COFECUB entre a UFMG (Brasil) e Paris XIII (França) 1994 a 1998.

DOMENACH, N.; SZAFRAN, M. [OFF] **Ce que Nicolas Sarkozy n'aurait jamais dû nous dire.** Paris: Fayard, 2011.

MACHADO, I.L. **A narrativa de vida como estratégia de vida.** Projeto CNPq, 2010.

MONTAIGNE, M. **Les Essais.** Paris: Editions Gallimard, 2009.

NAY, C. **Un pouvoir nommé désir.** Paris: Ed. Grasset, 2007.

OROFFIAMA, R. Les figures du sujet dans le récit de vie. In. **Sociologie et en formation, Informations sociales**, n° 145, CAIRN, 2008.

PARANÁ Denise, **Lula, o filho do Brasil.** 3. ed., São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SALMON, C. **Storytelling.** Paris: Editions de la Découverte, 2007.

<http://www.lepoint.fr/reactions/politique/election-presidentielle-2012/commentaires-sur-resultats-definitifs07-05-2012>

<http://desabafopais.blogspot.com.br/2010/12/despedida-do-presidente-lula-discurso.html>